

Recrutar Médicos

É relativamente antigo o projeto de levar assistência médica aos municípios do interior do país mediante a convocação de profissionais recém-saídos dos cursos de Medicina. Vez por outra a idéia volta ao debate, após um período de recesso para estudos de viabilidade. Agora, porém, parece que a fórmula foi encontrada: o Ministro da Saúde anunciou as linhas mestras do plano, já encaminhado, sob a forma de minuta de decreto, à consideração governamental.

O Brasil apresenta grande déficit de médicos em relação à sua população. Estatísticas disponíveis em 1970 indicavam a existência de um médico para 2 mil habitantes, o que é uma relação muito aquém dos quadros existentes nos países desenvolvidos ou em vias de crescimento. Estima-se que cerca de 1 200 municípios continuem inteiramente à míngua de quaisquer recursos médicos. São os que não possuem ainda renda própria e se mostram incapazes de atrair os profissionais de que tanto necessitam.

A má distribuição dos médicos, por motivos de renda, é um fato. A partir de 1965 surgiram novas escolas de Medicina, e o Ministério da Saúde, empenhado em cobrir rapidamente a carência de médicos, acelerou o programa de recursos humanos neste setor. Oito mil médicos estariam sendo formados, por ano, a partir de 1967, mas o aumento de profissionais não modificou o quadro de carência que se observa no interior. É que a grande maioria dos médicos, cerca de 70% dos existentes no país, prefere as grandes capitais. Seduzidos pelos atrativos da vida urbana, sujeitam-se a ganhar menos, no processo de pulverização de atividades que também pulveriza os salários, a tentar a profissão em cidades de menor porte.

A fórmula proposta pelo Ministério da Saúde, para corrigir esta deformação, consiste na redistribuição de médicos recém-formados pelas áreas consideradas mais críticas, através de convênio com as Forças Armadas. Em troca do serviço militar obrigatório, o futuro médico se comprometeria a prestar serviços, durante determinado prazo, no interior, recebendo vencimentos condignos que equivaleriam aos de tenente das Forças Armadas, além de outros estímulos. O recrutamento incidiria com maior ênfase nas escolas de Medicina situadas em regiões carentes de recursos médicos.

A idéia é boa, desde que o projeto contemple com a devida antecipação a necessidade de qualificar os médicos a serem recrutados, mediante cursos de especialização. De outra forma, sua presença nos municípios desvalidos deixaria muito a desejar. Com graves problemas de saúde pública, afetados por epidemias e endemias, sem contar ainda com o saneamento básico, esses municípios precisam certamente de médicos apoiados em laboratórios de análises e outros modernos equipamentos, além de toda uma logística referente à medicina preventiva.

O projeto depende, portanto, de qualificação dos recursos humanos e materiais. É o mesmo problema que afeta, por exemplo, o preparo de profissionais em maior número nas escolas médicas que se têm multiplicado às dezenas. A formação de médicos deve ser acelerada, a fim de que o país alcance melhor relação entre o seu número e o número de habitantes, mas sem os riscos de um ensino precário que se refletiria fatalmente nos índices de competência profissional.